

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
LOUIS MALLE - O REBELDE SOLITÁRIO
21 de Novembro de 2022

LE MONDE DU SILENCE / 1956 (O Mundo do Silêncio)

Um filme de Jacques-Yves Cousteau e Louis Malle

Realização: Jacques-Yves Cousteau e Louis Malle / Direcção de Fotografia: Edmond Séchan / Fotografia Submarina: Jacques-Yves Cousteau, Louis Malle, Frédéric Dumas e Albert Falco / Efeitos Especiais: Noël Robert / Música: Yves Baudrier / Som: Jacques Carrère / Montagem: Georges Alepée / Comentário: James Dugan / Intervenientes: Jacques-Yves Cousteau, mergulhadores e tripulação do navio Calypso.

Produção: Filmad - F.S.J.Y.C. / Cópia: digital, colorida, com legendas electrónicas em português / Duração: 82 minutos / Estreia em Portugal: S. Luiz e Alvalade, a 22 de Janeiro de 1957.

Em meados dos anos cinquenta Jacques-Yves Cousteau já era famoso estava a caminho de se transformar numa verdadeira instituição. O cinema fora um elemento importante na conquista da popularidade, através das várias curtas-metragens (como **Épaves**,) por si realizadas ao longo da década de quarenta. O passo em frente, rumo a uma obra de maior fulgor, precisava de ser dado, correspondendo afinal ao estatuto que já possuía e que bem podia ser traduzido na aquisição do Calypso, o lendário navio especialmente equipado pela marinha francesa para o Groupe d'Etudes et des Recherches Sousmarines dirigido por Cousteau. E esse passo em frente foi este **Le Monde du Silence**, crónica de uma grande expedição do Calypso patrocinada pela National Geographic Society: a primeira longa-metragem de Cousteau, e o seu primeiro filme a cores - belíssimas cores, a que a cópia a exhibir presta inteira justiça. Dado o ineditismo da experiência, e porque esta já não se compadecia com a amadorismo "artesanal" de algumas das suas curtas-metragens, Cousteau recrutou o muito jovem Louis Malle (tinha então 23 anos) para supervisionar as questões mais directamente relacionadas com a técnica cinematográfica (acabando por lhe reconhecer a "co-autoria" do filme, já que foi Malle quem concebeu a maior parte das cenas "secas"), e escolheu para director de fotografia o operador Edmond Séchan, que trabalhara com Albert Lamorisse (o realizador de **Le Ballon Rouge**) e estava habituado a rodagens em circunstâncias extraordinárias.

Como quem viu **Épaves** facilmente constatará, este acréscimo de ambição traduz-se em significativas diferenças, nem todas conduzindo a resultados inteiramente positivos. De um ponto de vista técnico, é evidente que o mar de **Le Monde du Silence** é muito mais espectacular, restituído em toda a sua policromia, e garantindo momentos que não deixarão de fascinar o espectador habitualmente mais insensível às "belas imagens". Mas, se ganhamos isso, talvez percamos alguma da espontaneidade "poética" de **Épaves** ou de outros desses primeiros filmes, **Paysages du Silence**: ao contrário do que acontecia neles, em **Le Monde du Silence** as responsabilidades didácticas e científicas de Cousteau ocupam agora o primeiro plano, deixando pouco espaço para devaneios puramente líricos. Sente-se uma maior colagem à realidade (e ao "realismo" de tendência mimética) e isso dá como resultado um mar que é certamente muito mais belo

mas, com igual certeza, muito mais frio. E sente-se também (reflexo do estatuto de Cousteau e das suas ambições) que o mar já não é o único protagonista, tendo um rival de peso no próprio Calypso, na sua tripulação e logicamente na figura de Cousteau: percebemo-lo quando o vemos em trabalho de "auto-iconização", olhando o mar de cachimbo na boca, ou quando a câmara se mostra mais fascinada pelos "gadgets" ao dispor da equipa (as "scooters" submarinas, por exemplo) do que pelo cenário circundante.

Por outro lado, não deixa de ser verdade que **Le Monde du Silence** cumpre fielmente os seus propósitos pedagógicos, para além de contar com momentos mais do que suficientes para justificar as expectativas que naturalmente foram criadas em torno da primeira produção de Cousteau com esta dimensão. Há episódios raros, uns curiosos (mesmo que ao nível do mero "fait-divers" científico, como a sequência da apanha das lagostas), outros mais violentos (o belíssimo "travelling" submarino sobre os peixes mortos depois da explosão de dinamite no recife de coral). Mas a maior virtude do filme residirá no facto de Cousteau, sem deixar de celebrar a harmonia da natureza (repare-se nos espantosos planos do nascimento das tartarugas-bébé), não cair naquela visão idílica que tantas vezes mina projectos com estas características. Há uma dimensão brutal e selvagem na natureza que Cousteau não se esquece de focar: o melhor e mais impressionante momento de **Le Monde du Silence** será então toda a sequência da morte accidental da baleia jovem (apanhada pelas hélices do Calypso), cujo sangue atrai o cardume de tubarões que acabarão por a devorar. Sem subterfúgios, a natureza revela-se (também) em todo o seu horror.

Luís Miguel Oliveira